

**QUEM MATOU ELOÁ?  
IMAGENS REVISTAS,  
OLHARES  
RESSIGNIFICADOS**



**O AUDIOVISUAL, PARA MIM,** é uma urgência. Acredito que os filmes mais interessantes resultam de algo forte que irrompe de diretores e roteiristas para ecoarem no mundo. Às vezes, esse “algo” não está evidente até que o processo do filme seja finalizado e que o mesmo encontre seu público.

Em outubro de 2008, a notícia do sequestro de uma garota em um conjunto habitacional na cidade de Santo André atraiu a atenção da mídia. Lindemberg Alves, 21 anos, mantinha em cárcere privado a ex-namorada, Eloá Pimentel, 15 anos, ameaçando matá-la caso ela não aceitasse reatar o namoro.

Na época, o Brasil era o sétimo (hoje é o quinto) em um *ranking* de países com as maiores taxas de feminicídio. A violência doméstica sempre foi uma constante na vida das mulheres do país. Mas, então, por que aquela notícia ganhava tanta repercussão? Por que os veículos de comunicação, que cobriam extensivamente o crime, não mencionavam a expressão “violência contra a mulher”?

O sequestro, que se iniciara numa segunda-feira, terminou apenas no fim da tarde de sexta-feira, quando policiais invadiram o apartamento. Lindemberg disparou quatro vezes, duas delas em Eloá, saiu ileso e foi preso. Eloá, atingida na cabeça e na virilha, foi levada gravemente ferida ao hospital e faleceu cerca de 24 horas depois.

Após o crime, o que me deixava mais perplexa não era seu desfecho, infelizmente comum para muitas mulheres latino-americanas. Eu estava atônita pelo fato de que eu, e mais 200 milhões de brasileiras e brasileiros, assistimos ao drama de Eloá por mais de 100 horas, nos mínimos detalhes, inclusive os mais sórdidos, e não fomos capazes de intervir no final que, já sabíamos, a esperava.

Uma inquietude instaurou-se em mim. Uma inquietude que encontrou consolo e força no texto *Eloá - A morte anunciada*, escrito pela militante feminista Analba Teixeira. O texto mostrou que havia mais gente, na maioria mulheres, inquietas com a violência da qual Eloá fora vítima e, especialmente, com a invisibilização desse tipo de violência contra as mulheres nos meios de comunicação.

Durante uma semana, as emissoras de TV aberta, que operam em concessões públicas, produziram todo tipo de material audiovisual sobre o crime. Matérias, entrevistas com o sequestrador, com especialistas, perfil psicológico de Lindemberg, montagem com fotografias de Eloá, tudo o que estivesse ao alcance de jornalistas, repórteres, apresentadores e produtores, para conseguir o tão almejado “furo de reportagem”. Mesmo que isso significasse se aproximar terrivelmente do crime ou romantizar a violência que estava diante de todos nós.

Descobri que uma infinidade de imagens produzidas durante o crime estavam acessíveis no YouTube e nos portais das emissoras na rede. Na internet, “Eloá” não era mais um nome comum. Assim como a imagem de Eloá Pimentel, seu nome adquirira outros significados pelo processo midiático que sofrera com o crime. Revi as imagens de arquivo que encontrava na internet, numa espécie de trabalho “arqueológico”. O processo era nauseante e quase insuportável, mas imprescindível para refletir sobre o significado daquelas imagens. Nesse ponto, nascia o dispositivo do filme: mulheres como eu assistiriam e comentariam aquelas imagens, no esforço de refletir sobre o significado daquela produção audiovisual.

Os desafios estavam postos. Como mostrar ao mundo que aquele tipo de representação da violência sofrida por Eloá precisava ser urgentemente alvo de reflexão? Como fazer um filme aludindo a outros produtos audiovisuais – os programas de TV –, mas subvertendo a linguagem utilizada por eles e construindo um pensamento crítico?

Em 2013, a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura (SAv/MinC) lançou o Edital Carmen Santos de Cinema de Mulheres, com o objetivo de financiar filmes de cineastas mulheres que falassem sobre a desigualdade de gênero. Não haveria melhor chance para minha inquietude, que a essa altura já tinha formato e nome: o curta-metragem *Quem matou Eloá?* O projeto do filme foi selecionado para o edital e, pela primeira vez, tive a preocupação de formar uma equipe em que mulheres ocupassem as funções principais: Fernanda De Capua,

produtora; Cris Lyra, fotógrafa; Clara Cervantes, diretora de som; Cristina Müller, montadora; Julia Telles, autora da trilha sonora.

A pesquisa foi uma etapa intensa que envolveu uma vasta investigação nos autos do processo criminal – mais de 20 pastas arquivadas no Fórum de Santo André –, além da pesquisa de imagens de arquivo que eu já vinha fazendo há alguns anos. Assim, elaborei um argumento em interlocução constante com Giovanni Francischelli, parceiro, também crítico da mídia, e com quem surgiu a ideia da metáfora dos urubus no início do filme.

Os entrevistados deveriam ser pessoas que, ao assistirem as imagens televisivas, respondessem criticamente, tecendo comentários a partir de um ponto de vista feminista sobre aspectos criminais, jurídicos e de construção das imagens e narrativas produzidas sobre o crime.

Analba Teixeira, militante feminista da Articulação de Mulheres Brasileiras e do SOS Corpo, autora do texto que motivara o filme, também havia pesquisado casos de feminicídio no livro *Nunca você sem mim*. Esther Hamburger, professora da Universidade de São Paulo, pesquisara representações de violência e gênero no audiovisual. Ana Paula Lewin, advogada e defensora pública do Estado de São Paulo, atuava no Núcleo Especializado de Promoção dos Direitos da Mulher (Nudem). Elisa Gargiulo, militante feminista, tinha vasta experiência no audiovisual e na comunicação. Por fim, Augusto Rossini, promotor de justiça que acompanhara o último dia do sequestro e que, após o crime, protagonizara uma discussão com apresentadores da Rede Record sobre a interferência da mídia no caso.

Durante a pré-produção, a montadora preparou um vídeo com as imagens de arquivo que eu selecionara para serem projetadas no set de gravação para os entrevistados. Ao mesmo tempo, pedi que toda a equipe lesse o texto *Eloá - A morte anunciada* para garantir que estivéssemos todos afinados em relação ao que deveria ser a experiência do set e da realização do filme.

Foram duas diárias de gravação no estúdio A do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Universidade de São Paulo, que apoiou a produção. Estagiários do curso de graduação em Audiovisual participaram fazendo assistência na produção e na fotografia, o que resultou numa troca rica de experiências. Nessas diárias, gravamos as entrevistas em um fundo preto, utilizando três câmeras; a projeção dos vídeos foi conduzida sensivelmente por André Menezes. Cada entrevistado foi estimulado a fazer comentários instigados por imagens, perguntas ou provocações específicas. Além das gravações no estúdio, fizemos outras três diárias com equipe reduzida para captar imagens do centro de São Paulo e dos urubus, o que foi particularmente difícil. Tentamos o Parque do Ibirapuera, mas o local que rendeu as melhores imagens dos animais foi nos arredores do Parque Ecológico do Tietê.

Na montagem, a combinação das imagens voltava a nos desafiar. Esta etapa levou quase quatro meses para ser concluída. Novamente, como fazer referência às imagens de arquivo sem explorá-las de forma sensacionalista e sem reproduzir os vícios das narrativas da TV? Adotamos o princípio de marcar nossa manipulação nas imagens de arquivo com um *frame black* que pudesse indicar os trechos em que havíamos feito o corte.

No início, fui muito resistente a contar a história do crime em ordem cronológica, temendo, de alguma forma, reproduzir qualquer resquício de sensacionalismo. Acredito que isso tenha levado a montadora a organizar o filme em blocos que eram hipóteses para responder à pergunta do título: Quem matou Eloá?

Após dois meses de montagem, decidimos assumir a cronologia do crime. Esse foi um passo importante, que potencializou a reflexão que o filme pretendia instaurar. Depois de alguns testes de estrutura, decidi “limpar” o excesso das imagens das TVs, priorizando os quadros nos quais os entrevistados aparecem assistindo a essas imagens projetadas ou apenas olhando para algo fora de campo, com o áudio que acompanhava as





imagens de arquivo. Também objetivamos reduzir a exposição das vítimas Eloá e Nayara, numa direção oposta ao que fizeram os telejornais.

Na finalização, optamos por marcar a diferenciação das imagens que havíamos feito em estúdio através da baixa saturação. As imagens de arquivo da TV tinham coloração muito saturada, além de serem repletas de símbolos: letreiros, legendas, logotipos. O uso de GCs (gerador de caracteres) foi evitado. Eu queria que os espectadores do filme acreditassem naquelas mulheres e em suas enunciações independentes da tutela de autoridade que qualquer GC pudesse lhes cancelar. Isso também afastava a linguagem do filme da linguagem jornalística.

Finalmente, a edição de som, mixagem e trilha sonora original foram etapas executadas concomitantemente, já que eram dependentes. A trilha aproveitava ruídos de TV e das próprias imagens. Tudo foi pautado no minimalismo, incluindo o cenário e os letreiros do título e dos créditos.

*Quem matou Eloá?* foi exibido em mais de 25 festivais em dez países, entre eles o Festival Internacional de Filmes Documentários - IDFA (Holanda), o Cinélatino (França), Hot Docs (Canadá), Festival de Direitos Humanos de Seul (Coreia do Sul) e DocsMx (México). Além disso, recebeu 14 prêmios, dentre os quais: Melhor Curta

Documentário - Genii Awards da Alliance for Women in Media Southern Califomia (Estados Unidos); Melhor Curta-Metragem no Atlantidoc - Festival Internacional de Cine Documental de Uruguay; e o 10+ Favoritos do Público no 27º Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo.

O filme continua recebendo inúmeros convites dos mais variados públicos. São educadores, juristas, militantes, trabalhadores da saúde, comunicadores, jornalistas e tantos outros que promovem atividades com a exibição e debate de *Quem matou Eloá?*. Através do filme, minha inquietude pôde finalmente ser compartilhada com as milhares de pessoas que o assistem. O curta extrapolou os espaços da militância feminista, levando a reflexão sobre a representação da violência contra a mulher nos meios de comunicação a espaços que não tinham o hábito de discutir esses temas. De fato, os filmes não têm o poder de mudar o mundo, mas têm a oportunidade de instigar e, quiçá, transformar os olhares dos espectadores que os assistem.

**\*LÍVIA PEREZ** é doutoranda em Meios e Processos na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). É diretora do longa-metragem *Lampião da esquina* e do curta-metragem *Quem matou Eloá?*, entre outros.